

DIVERSIDADE E ENSINO DE GEOGRAFIA

Hyago Ernane Gonçalves Squiave
Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí
hiagoernane@gmail.com

RESUMO: A educação no Brasil vem se transformando gradativamente. A formação de professores tem sido bastante estudada, pois, alguns problemas do ensino aprendizagem dos alunos da educação básica tem sido refletida pela má formação dos licenciados. A diversidade deve ser tratada dentro da sala de aula com bastante cautela para não ser entendida como racismo ou algo do gênero. É preciso avaliar a carga e os conhecimentos que os alunos trazem consigo e a partir desse conhecimento, fazer uma transição do saber, onde, o professor aprende com o aluno e o aluno aprende com o professor. O conhecimento empírico neste momento é muito importante, pois, chegam alunos de todas as classes sociais, gêneros, etnias. Então, é preciso que essa diversidade abrace tudo isso e eleve a qualidade do ensino. Os professores de geografia têm uma série de novas tecnologias disponíveis para a sua utilização dentro da sala de aula, porém poucos a utilizam pelo fato de não saber manusear. Trazer o cotidiano da vida de cada aluno para dentro da sala de aula é muito importante. Ele se sente mais importante e com isso cresce e desperta o interesse no saber. É possível utilizar programas na confecção de mapas, que pode criar roteiros por exemplo do percurso de cada aluno até a sua casa, de forma simples e que deixa uma simples aula em uma grande aventura. O objetivo é fazer uma observação na formação de professores e como está sendo trabalhada a diversidade dentro da sala de aula, e como os autores a veem. Para este estudo buscamos um arcabouço teórico-metodológico que, a partir da literatura nacional, pudéssemos construir um diálogo com autores a fim de entender sobre a diversidade e sobre a formação de professores, tais como Libanêo (2012), Cavalvante (2011), Leite (2015), Nóvoa (1995) entre outros.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Diversidade. Formação de Professor.

ABSTRACT: Education in Brazil has been gradually changed. The teaching education has been well studied, because some problems of teaching learning of students of basic education has been reflected by the poor training of pre-service education. Diversity must be treated within the classroom carefully not to be understood as racism or anything of the sort. It is necessary to evaluate the load and the knowledge that the students bring with them and from this knowledge comes, to make a transition of the knowledge, in which, the teacher learns with the student and the student learns with the teacher. The empirical knowledge at this moment is very important, because students come everywhere, of all social classes, genres, ethnicities. So this diversity must gather all this and empower geography teaching. Geography teachers have a number of new technologies available to use in the classrooms, but few of them use it because they do not know how to handle. Bringing the daily life of each student into the classroom is very importante too. The student may feel more important and grows and may arouse interest in knowing more. It is possible to use programs in the making of maps, which can create scripts for example of the course of each student to his or her home, in a simple way and that leaves a simple lesson in a great adventure. The aims of this work is to make an observation on teacher education and to check how diversity is being worked within the process, and how the authors see it. For this study, we seek a theoretical-methodological framework that, from the national literature, we could construct a dialogue with authors in order to understand about the diversity

Building the way

and the teacher education, such as Libanêo (2012), Cavalcante (2011), Milk (2015), Nóvoa (1995) among others.

Keywords: Geography Teaching. Diversity. Teacher Education.

Introdução

Existem várias discussões acerca de como está sendo a formação de professores pelas instituições educacionais. O currículo é um instrumento importante, pois, é dele que sabemos qual o tipo de profissional está sendo preparado para a sala de aula.

Há vários anos no Brasil, existem estudos e pesquisas sobre a forma como está sendo a formação de professores. Haja vista que o profissional professor é uma das profissões mais importantes do nosso meio social, uma vez que, é este profissional que forma todos os outros profissionais.

O professor é o principal instrumento para a educação escolar na formação dos educandos. O profissional como mediador do conhecimento pode assim estimular nos educandos a aprendizagem.

A geografia é uma disciplina bastante ampla, e isso é um fator importante para os professores, onde, é possível realizar inúmeras aulas diversificadas que vão contribuir para a formação de seus alunos. Diversos autores dissertam sobre como está sendo a formação de professores, e alguns a grosso modo diz que alguns dos problemas educacionais está relacionado com a má preparação dos professores. O professor de geografia além de tudo, tem o papel de formar cidadãos críticos, capazes de criar suas próprias opiniões, deixando de ser influenciado pela mídia que muitas das vezes mostram o que querem, distorcendo as verdades existentes.

A diversidade tem que ser tratada dentro da sala de aula, pois, existe uma série de alunos com realidades diferentes. Sendo assim, dentro da escola, não cabe ver a diversidade como uma desigualdade social, pois a diversidade tem uma ideia contraditória com a desigualdade. Logo, a diversidade deve ser vista como uma forma de vivenciar outras diferenças.

Para a realização deste estudo utilizamos literaturas para um melhor embasamento, que falam a respeito da formação dos professores, da diversidade nas salas de aula e também sobre o ensino de Geografia como Libanêo (2012), Candau (2012), Cavalcante 2011), Leite (2015), entre outros. O objetivo desse trabalho é entender como os autores compreende e/ou

Building the way

dissertam sobre a formação de professor, o ensino de geografia nas salas de aula e a diversidade no ensino.

Referencial teórico

O Brasil é considerado um país em desenvolvimento, com grandes desigualdades sociais e com baixo índice de escolaridade, mesmo assim os governantes continuam a investir em obras, construções entre outros e permanecem negligenciando a educação.

A história da estrutura e da organização do ensino no Brasil reflete as condições socioeconômicas do país, mas revela, sobretudo, o panorama político de determinados períodos históricos. A partir da década de 1980, por exemplo, o panorama socioeconômico brasileiro indicava uma tendência neoconservadora para a minimização do Estado, que se afastava de seu papel de provedor dos serviços públicos, como saúde e educação. (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012, p. 149).

Como salienta Libâneo, Oliveira, Toschi (2012), é notório o desinteresse do Estado quando o assunto é educação e saúde e isso acontece desde a organização do ensino. Não é possível discutir educação e ensino sem fazer referência a questões econômicas, políticas e sociais, pois dependemos dessas questões para se ter melhorias não só na educação, mas também em outras frentes sociais como a saúde.

A educação brasileira se tornou um problema no início do processo de industrialização, na década de 1920, sendo necessário reivindicações e movimentos sociais para que em 1932, um grupo de educadores lançasse um manifesto conhecido como Manifesto dos pioneiros da Educação nova, esse documento foi uma tentativa de mostra a educação como um problema no país. (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012, p. 175).

A educação no Brasil teve uma trajetória com poucas melhorias e com muitos desafios, sendo que os mesmos desafios estão presentes nos dias de hoje: a luta por uma educação de qualidade para todos. Ainda segundo os autores Libâneo, Oliveira, Toschi (2012, p.176) “nos dias de hoje existe uma consciência nacional da importância da educação mais lamentavelmente as ações para melhorar a educação está presente em discursos”. Ou seja, na prática é quase que perfeito, porém na realidade nada de melhorias acontece.

A educação hoje é responsável pela modernização de nossas sociedades, segundo Candau (2012) nas sociedades atuais, muitas são as formas de acesso ao conhecimento, não se

Building the way

podendo atribuir à escola exclusivamente desta função. Os impactos dos meios de comunicação e o próprio impacto dos saberes vivenciados são surpreendentes.

O objetivo do ensino e da própria educação é a construção do conhecimento do aluno, partindo desse pressuposto, um dos desafios dos professores nesse processo de ensino-aprendizagem é o “de desenvolver atividades em sala de aula considerando a escola um lugar de cultura, de encontro de cultura. Trata-se do entendimento de que a escola lida com a cultura, no interior da sala de aula e nos outros espaços escolares”. Cavalcanti (2011, p.67).

Nessa perspectiva, é claro o desafio do professor, pois lida com diferentes culturas, com diferentes formas de pensar e agir dentro de um espaço escolar e tem que lidar com a diversidade:

[...] pode-se entender que essa diversidade vai além do conjunto de conhecimentos, valores, significados que os alunos carregam consigo, pois diz respeito também á diferenças de estilos, ritmos e capacidades individuais internas de aprendizagem. (CAVALCANTI, 2011, p.68).

Fica, portanto, evidente a importância de se entender o que vem a ser diversidade dentro do ambiente escolar, sendo uma das melhores formas de compreender a escola e a própria sala de aula. Como propõe Cavalcanti, a diversidade tem “um sentido amplo, diz respeito, como já foi mencionado, às diferentes esferas da vida, tratando-se, assim, entre outras, da diversidade biológica, diversidade econômica, diversidade social, diversidade geográfica, diversidade cultural”. Cavalcanti (2011, p. 68).

No entanto, dentro da escola, não cabe ver a diversidade como uma desigualdade social, pois a diversidade tem uma ideia contraditória com a desigualdade. Logo, a diversidade deve ser vista como uma forma de vivenciar outras diferenças. Por isso, não só os professores, mas todos os demais profissionais da educação devem estar atentos para as diferenças entre os alunos “quanto os diversos aspectos, destacando-se classe social, gêneros, raça, etnia, sexualidade, religião, idade, linguagem, origem geográfica”. Cavalcanti (2011, p. 69).

Dessa forma, estarão desenvolvendo o processo de inclusão dentro do espaço escolar, pois “a ideia de inclusão pode ser caracterizada como o resultado de um processo criativo impulsionado pela necessidade de atender, reconhecer e, acima de tudo, valorizar as diversidades”. (SANTOS, 2008, p. 48).

Nessa perspectiva de ensino e diversidade, deve-se mencionar a importância do ensino de geografia para os alunos, como uma forma de compreensão do próprio espaço e da

Building the way

sua própria realidade. Dessa forma, Lastória (2015, p. 62), diz que “a geografia, como área do conhecimento escolar, é parte essencial do processo formativo dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental”.

O ensino de geografia ou a educação geográfica tem como finalidade contribuir com a construção de um pensamento geográfico sendo assim Leite (2015, p. 79), relata que “o trabalho de Educação Geográfica na escola implica em conduzir os alunos à consciência da espacialidade das coisas, direta ou indiretamente vivenciada nos fenômenos cotidianos”.

Segundo Cavalcanti (2002), a escola é um lugar de encontro de culturas, de saberes, tanto científicos como cotidianos, isto é, a escola é o encontro da diversidade, do ser diferente e de ter saberes diferentes. Nessa perspectiva, a sala de aula é o lugar do diverso com inúmeras potencialidades de aprendizagem. É nesse espaço multifacetado e plural que a cultura se apresenta como a “condição essencial para existência humana, a principal base de sua especificidade. Ou seja, não existe natureza humana sem cultura”. (SANTOS, 2003, p. 95)

Sendo a escola uma instituição social, é necessário sempre considerar que as concepções estão vinculadas a necessidades e demandas do contexto econômico, político, social e cultural de uma sociedade.

As concepções de educação escolar referem-se a determinados modos de compreender as modalidades de educação, as funções sociais e pedagógicas da escola, os objetivos educativos, as dimensões da educação, os objetivos de aprendizagem, o currículo, os conteúdos e a metodologia de ensino, as formas de organização e gestão. (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012, p. 239).

Assim, a escola e a própria gestão devem priorizar as funções sociais e pedagógicas bem como a metodologia utilizada para que o aluno possa compreender o espaço que ocupa e a própria sociedade.

Sendo assim o objetivo do ensino e da própria educação é a construção do conhecimento do aluno, partindo desse pressuposto, um dos desafios dos professores nesse processo de ensino-aprendizagem é o “de desenvolver atividades em sala de aula considerando a escola um lugar de cultura, de encontro de cultura. Trata-se do entendimento de que a escola lida com a cultura, no interior da sala de aula e nos outros espaços escolares”. Cavalcanti (2011, p.67).

A formação do professor é decorrente das mudanças da relação com a sociedade e dos avanços da educação dentro do ambiente escolar, pois os próprios indivíduos inseridos

Building the way

nesse processo precisam ter diálogo aberto para que todos possam ser atendidos, observando sempre os problemas para definir estratégias que possam acompanhar tais transformações.

Nessa perspectiva de ensino, o professor situa-se como mediador, considerando aspectos como; atenção às diferenças dos alunos; variação de papéis que o professor assume diferentes situações de aprendizagem; organização dos alunos de forma que possibilite interações em diferentes níveis, de acordo com os propósitos educativos (grupo-classe, grupos pequenos, grupos maiores, grupos fixos). (FIGUEIREDO, 2011, p.142).

O docente na formação inicial, bem como na sua formação continuada deve estar preparado para atuar visando à diversidade, ou seja, levando em conta alguns princípios como éticos, políticos e filosóficos para que o mesmo possa estar consciente dos desafios de se formar uma nova geração.

Segundo Libâneo (2002) um dos grandes autores sobre a educação, a escola é um local onde exerce diferentes práticas do saber. Segundo ele:

A escola é um dos lugares específicos do desenvolvimento da refletividade. Adquirir conhecimentos, aprender pensar, agir, desenvolver capacidades e competências, implica sempre a reflexividade. Mas, principalmente a escola é lugar da formação da razão crítica, para além da cultura reflexiva, que propicia a autonomia, autodeterminação, condição de luta pela emancipação intelectual e social. (LIBÂNEO, 2002, p. 76).

Dessa forma entendemos que a escola é o local onde os educandos e educadores sofre um processo recíproco de informações, onde, os educadores passam conhecimentos, e adquire conhecimentos com os educandos. É interessante destacar que os educadores são vistos em muitos casos como pais e mães ao mesmo tempo em que são profissionais. A liberdade com que alguns alunos os veem faz com que o carinho e afeto tome expressiva dimensão.

Outra peça importante para a formação do professor é o currículo. Nele contem a estrutura de como será a formação do professor em determinada instituição. Analisando o currículo, podemos avaliar a qualidade da graduação. O currículo então determina as bases para um modelo profissional. Stenhouse (1975 *apud* Goodson, 2008, p.58) “O desenvolvimento do currículo transfere as ideias para as práticas de sala de aula, e com isso ajuda o mestre a reforçar sua própria prática, testando de modo sistemático e consiste em suas ideias. Nesta perspectiva o currículo bem como o curso de formação de professor (licenciatura), funcionam como uma via de mãos duplas, cujo resultado a grosso modo é a qualidade das aulas ministradas por estes profissionais.

Building the way

A formação de professores é algo importante para o desenvolvimento da educação. Nóvoa (1995, p. 18) diz que “mais do que um lugar de aquisição de técnicos e conhecimento, a formação de professores é o momento chave da socialização e da configuração profissional”.

Alguns professores estão sendo preparados com uma pedagogia tecnicista. Bastante tradicional. A realidade está sendo mudada, porém as aulas teóricas dentro da sala de aula continuam de maneira tendenciosa.

A formação de professores fica, geralmente, restrita à sua preparação para a regência de classe, não tratando das demais dimensões da atuação profissional, como sua participação no projeto educativo da escola, e seu relacionamento com os alunos e com a comunidade [...]. (Pimentel, 2010, p. 85).

É preciso que na formação de professores tenham mais contato com a comunidade, a realidade de cada lugar, pois, a teoria dentro da sala de aula de nada valerá se não houver a experiência no campo. Paulo Freire já dizia “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. (Freire, 1996, p. 33). É um dos grandes desafios educacional atualmente a formação de professores, principalmente para as escolas de educação básica, primário, fundamental e médio.

Se tratando de professor de geografia, há uma série de metodologias e de métodos, tecnologias que podem ser usadas pelos professores para trabalhar com os alunos. O que falta na maioria das vezes é o domínio, principalmente com as geotecnologias. As aulas ficam mais praticas dentro da sala. Não fica aquela aula tradicional, onde o professor vai para a frente, escreve no quadro e os alunos tem que copiar no caderno.

Há uma série de ferramentas para os professores de geografia que são muito uteis para renovar as suas metodologias. Há programas como ArcGis, Google Earth dentre outros programas que confecciona mapas. Podem realizar aulas diversificadas dentro da sala, para que os futuros professores trabalhem isso com seus alunos. Kaercher (2006) faz uma crítica quanto a isso:

Porque para haver geografia crítica (ou uma geografia renovada) não basta mudar os temas ou atualizar nossas aulas. Não se trata de um problema de conteúdo. É preciso haver uma mudança metodológica que altere a relação professor-aluno, relação esta que, via de regra, continua fria, distante e burocráticas. É preciso haver também uma postura renovada de maior dialogo, não só entre professor aluno, mais com o próprio conhecimento. [...] devemos fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço de e da (s) sociedade (s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país, etc). (KAERCHER, 2006, p. 222-223).

Já Vesentini (2004), contrapõe dizendo:

O professor crítico e/ou construtivista – e não podemos esquecer que o bom professor é aquele que ‘aprende ensinando’ e que não ensina, mais ajuda os alunos a aprender - não apenas reproduz, mas também produz saber na atividade educativa. [...] ele é um ser humano com uma história de vida a ser levada em conta no processo de aprendizagem, que reelabora, assimila à sua maneira – até reconstruindo ou criando o saber para tal ou qual disciplina. [...] isso porque no ensino de geografia é importantíssimo é mesmo indispensável – o estudo e a compreensão da realidade local, onde os alunos vivem, onde a escola se situa. (VESENTINI, 2004, p. 224).

Sendo assim, a formação de professor é um momento importante de sua carreira, bem como do reflexo que o mesmo será como futuro educador. As práticas exercidas na graduação vão se refletir, quando se assumir uma sala de aula. É importante trabalhar a diversidade dentro da sala de aula, porém com cautela.

É importante também a utilização de novos meios tecnológicos para renovar as aulas dos professores de geografia. Sair da maneira tradicional, tecnicista e inovar. Há várias ferramentas que auxiliam, porém é preciso dominar as técnicas, o que vem dificultando a renovação dentro das salas, porque vários professores não tiveram tanta tecnologia disponível em sua formação.

Considerações finais

Neste momento é importante destacar que o intuito deste trabalho foi de fazer um levantamento bibliográfico sobre a formação de professor, a diversidade na sala de aula e sobre o ensino de geografia. Sem, no entanto, ter a exatidão pretensão de abordar todas as variáveis e aspectos que muitos autores trabalham com essa importante questão.

Vale salientar que é de suma importância saber como está sendo a formação de professores licenciados (em suas diversas áreas), pois, a partir desse momento teremos conhecimento do reflexo que está havendo dentro de suas respectivas salas de aula. O currículo na formação de professores é algo que tem que ser pensado e repensado, onde, através dele teremos as bases para uma boa formação dos futuros educadores.

O ensino de geografia segundo os autores referenciados, estão um pouco tecnicistas, tradicionais. Estão deixando de lado as novas tecnologias disponíveis pela falta de preparo no manuseio. Isso tem prejudicado as aulas de geografia. É preciso que na formação dos novos

Building the way

professores sejam aproveitadas todas as tecnologias disponíveis para que desde a sua formação, os professores dominem os materiais para levar a sua sala de aula, afim de deixar as aulas mais dinâmicas e atrativas.

Referências

CANDAU, Vera Maria. *Reinventar a escola*. (Org.). 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia e Práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, L. de S. *A geografia escolar e a sociedade brasileira contemporânea*. In: TONINI, T. M. et al (Org.) O ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2011. p. 77-96.

FIGUEIREDO, R. V. de. *A formação de professores para inclusão dos alunos no espaço pedagógico da diversidade*. In: MANTOAN, M.T.E. O desafio das diferenças nas escolas. 4.ed. Petrópolis. Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996 (Coleção Leitura).

GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. Tradução de Atílio Brunetta 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. (Ciências sociais da Educação).

KAERCHER, Nestor A. *O gato comeu a geografia critica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia*. In: PONTUSCHKA, Nídia; OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. (orgs). Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2006. Capítulo 23, p. 221-231.

LASTÓRIA, Andréa Coelho. *Técnicas de investigação e prática em cursos de formação de professores: redescobrimo o trabalho de campo para aprender e ensinar o lugar*. **Caminhos de Geografia**, [S.l.], v. 16, n. 53, mar. 2015. ISSN 1678-6343. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/27882/16432>>. Acesso em: 13 set. 2017.

LEITE, Letícia de Sousa. *A formação de professores para a educação inclusiva dos alunos surdos: um estudo de caso*. In: VIII Encontro de Pesquisa em Educação – Trabalho docente e processos educativos. Uberaba. 2015. Disponível em: <<http://www.uniube.br/eventos/epeduc/2015/completos/58.pdf>>. Acesso em: 04 de junho de 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, - (Coleção magistério. Serie formação do professor). 1990/ impresso no Brasil- abril de 2002.

Building the way

LIBÂNEO, José Carlos; Oliveira, João Ferreira de; Toschi, Mirza Seabra. (orgs). *Educação Escolar: Políticas, Estrutura*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação: Saberes pedagógicos/ coordenação Selma Garrido Pimenta).

NÓVOA, António (Org.) *Os Professores e a sua formação*. Lisboa. Publicações Dom Quixote. 1995.

PIMENTEL, Carla Silvia. *Aprender a ensinar: a construção da profissionalidade docente nas atividades de estágio em geografia*. Tese Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação: Orientação Nidia Nacib Pontuschka. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

SANTOS, Mônica Pereira dos. Marcos Moreira Paulino (Orgs.). *Inclusão em Educação: Culturas, políticas e Práticas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Mônica Pereira dos. *O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva*. Revista da Faculdade de Educação da UFF, nº. 7, maio de 2003.

VESENTINI, José W. *Realidades e perspectivas do ensino de geografia no Brasil*. In: VESENTINI, José W. (Org). *O ensino de geografia no século XXI*. Campinas: Papirus, 2004. Capítulo 7, p. 219 – 248.